

Amstano Luatens Lp
8/2/18

225

O PALCO



Jose Mergulhao

ARTE

REVISTA TEATRAL

Diretor: E. NASCIMENTO CORREIA

Dezenhador; JOSÉ MERGULHÃO ✱

Fotografo: ALBERTO LIMA

Propriedade da Empresa de **O PALCO**
LISBOA

REDAÇÃO: RUA DA VINHA, 52, 1.º

Administração: Rua de S. Marçal, 51, 1.º

OFICINAS DE COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO
Rua de S. Marçal, 51-A a 53-A

Editor—E. DA GUNHA E SÁ

25 FH

ANO I
Número 1



O PALCO



ASSINATURAS

(Pagamento adiantado)

Lisboa e todo o continente e ilhas adjacentes
 Semestre \$700 | Ano..... 1\$400
 Colonias portuguezas
 Ano..... 1\$400

Paizes da União Postal
 Ano..... 1\$600
 Brazil
 Ano (moeda fraca) 6\$000

Numero avulso - 60 réis

TABELAS DE PREÇOS D'ANUNCIOS

1	pajina,	1. ^a	publicação.....	5\$000
1/2	»	»	»	3\$000
1/4	»	»	»	1\$800
1/8	»	»	»	1\$000
1/16	»	»	»	\$600

Repetições têm o desconto de 30 0/0

ANUNCIOS PERMANENTES - CONTRATO ESPECIAL

Anuncios intercalados no texto

1	pajina,	1. ^a	publicação.....	9\$000
1/2	»	»	»	5\$000
1/4	»	»	»	3\$000
1/8	»	»	»	2\$000
1/16	»	»	»	1\$200

Repetições têm o desconto de 30 0/0



Assinai todos

O PALCO

que ele a todos interessa

-aos ARTISTAS - aos AMADORES - ao PUBLICO

Lisboa, 5 de janeiro de 1912



Escola da arte de representar

Perante um publico numerozo que enchia por completo o Teatro Nacional na tarde de 11 de dezembro, deu-se, pelas 3 oras da tarde, começo ao sarau no qual os alunos que aviam acabado o seu curso n'esta escola, iam concorrer aos premios por ela estabelecidos.

Os alunos n'aquelas condições eram D. Ilda Ferreira e srs. Joaquim d'Almada, João Enriques e Reinaldo d'Azevedo.

Findo o sarau cujo programa, lido pelo aluno Otero de Carvalho, constava do Triloquio de Danton, Marat e Robespierre, de Vitor Hugo, tradução de Augusto de Castro, monologo da Carranca, de Gil Vicente, monologo do Avarento, de Molière, traduzido por Castilho e do 2.º ato da Loandeira, de Goldoni, tradução de Nicolau Lús, o júri, composto pelos professores Julio Dantas, Augusto



JOÃO ENRIQUES

de Melo, Antonio Pinheiro e Jozé Antonio Monis, premiou pela seguinte fórma os concorrentes: 1.ºs premios de comedia a D. Ilda Ferreira e sr. Joaquim d'Almada, 1.º de drama a João Enriques, 2.º de comedia a Reinaldo d'Azevedo.

João Enriques estava já representando no Teatro Nacional e os três restantes no Teatro Apolo.

Fazemos os mais acrizolados votos para que os quatro alunos premiados deem quatro distintos artistas e, fujindo a vaidades balofas e não dando ouvidos á sociedade d'elojio mutuo que aí anda constantemente a queimar incensos aos pés dos que começam, chamando-lhes sumidades e estrelas, continuem estudando com afinco essa nobre arte onde

os proprios mestres sempre teem que aprender, onde por muito que se estude, á sempre que estudar.

D'outra maneira enfileirarão ao lado das simples utilidades e não é d'elas que o teatro precisa,



JOAQUIM D'ALMADA



D. ILDA FERREIRA

SUMARIO

Escola da arte de representar, 3 grav.
 Tipos, 1 grav.
 O Sr. Freitas, 4 grav.
 Fandango e Maxixe, 1 grav.
 Os nossos concursos. 1 grav.
 Coristas, 1 grav.
 Aneótas teatraes.
 O Chico das Pêgas, 3 grav.
 Associação de Classe dos Artistas Dramáticos.
 Auto da Barca do Inferno, 4 grav.
 20:000 dollars, 1 grav.
 O mano Augusto, 2 grav.
 Orquestra portugueza, 2 grav.
 As moscas.
 Princeza dos dollars, 5 grav.
 O cantico dos canticos, 1 grav.
 Modas, 3 grav.
 O Pae Paulino, 1 grav.
 Espedientes diversos.

ESPEDIENTE

Toda a correspondencia d'O PALCO relativa á Redação deve ser dirigida ao diretor, R. da Vinha, 52, 1.º

A relativa á administração deve ser endereçada para a Rua de Marçal, 51, 1.º

Caros leitores: O Palco é um jornal feito com muita sinceridade, com muito carinho, com muito amôr.

Poderá não corresponder ao fim a que nos propomos mas não será á falta da nossa muito boa vontade, levada até ao sacrificio se ele fôr preciso para a sustentar.

Nas vossas mãos, — artistas, amadores, publico — o depomos; acolhei-o bem, desculpai-lhe quaesquer faltas, certos de que ellas, apenas reconhecidas, serão emendadas.

Vinde até nós com os vossos conselhos, com as vossas ideias, sede vós proprios os nossos melhores colaboradores, os nossos inspiradores, os nossos guias; aplanai-lhe o melhor possível as dificuldades e assim provareis que, concorrendo para a elevação d'este modesto Palco, amais devotadamente o outro, o verdadeiro, onde vos ezibis ou onde se ezibem os vossos ídolos.

O jornal está lançado; não é ainda aquilo que vós por certo idealizasteis, como não é tambem ainda o que nós sonhámos, mas lá chegaremos.

Eis pois nas vossas mãos O Palco. O que ele é vêl-o-eis folheando-o; o que ele será depende de vós todos.

Um ano d'ezistencia lhe garantimos nós, dê-se o que se dér.

Garanti-lhe vós o resto.

TIPOS

Em todos os numeros daremos diferentes tipos, por onde os artistas poderão escolher qualquer de que necessitem para as suas personajens.

Teatro da Republica

1.º ÁTO—A CENA DO DESMAIO

Freitas Sr. Chabi Evaristo Sr. C. d'Oliveira Violante D. Barbara
Rita Fernando D. J. Assunção Sr. Alves



Violante D. Barbara
Rita D. Julia d'Assunção
Ulce D. Emilia Sarmiento
Lisboa Actualidade

DISTRIBUIÇÃO

Freitas Chaby
Fernando Correia Alves
Evaristo d'Almeida Carlos d'Oliveira
Diamantino Lopo Pimentel
Bátista Sarmiento
Laura Mendes D. Anjela Pinto

COMEDIA EM 3 ÁTOS

Original de Alvaro Lima e Chagas Roquete

FERNANDO Correia (Enrique Alves), tendo sido eleito deputado, vem para Lisboa e hospeda-se em caza de um amigo, Evaristo d'Almeida (Carlos d'Oliveira).

Fernando é cazado e deixou a familia na provincia, mas ao vê-se em Lisboa travou relações com Laura Mendes (Anjela Pinto), *cocote* de pouco polimento. De repente a familia de Fernando telegrafa-lhe avizand-o de que vinha a Lisboa. Fernando resolve desligar-se de Laura, a quem marca uma entrevista, em caza do amigo Evaristo. Este protesta contra o abuzo n'esse momento, Fernando

vê-se forçado a confessar que, durante a auzencia de



Violante (D. Barbara)—Continúo a ser objéto d'uma perseguição atrás.

Freitas (Sr. Chabi)—V. Ex.^a não é objéto; uma dama nunca é um objéto, especialmente em questões d'amor.

Evaristo, n'uma curta viagem de recreio que este tem feito a Espanha, avia abitado com Laura n'aquela caza. O momento é difícil e Fernando, a quem Evaristo recusa todo o auxilio, não sabe o que fazer; temendo o mau jenio da amante. Providencialmente, aparece um amigo de Evaristo, o sr. Freitas (Chabi Pinheiro), ómem de uma estupidez comprovada e que fica

encarregado do rompimento de Fernando com a Laura.

Freitas começa por ter logo a infelicidade de tomar por amante de Fernando uma pobre mulher, D. Violante (Barbara), que procura em Fernando, o pae possível de um filho que tem e a Laura Mendes por espoza de Fernando, de modo que em vês de conseguir o rompimento desejado, provoca a reconciliação dos dois amantes.

Quando a verdadeira mulher e a filha de Fernando, chegam a caza de Evaristo, vão encontrar ali a Laura, de fôrma que Fernando, para se salvar, não tem outro remedio senão apresentar a *cocotte* como mulher do dono da caza.

Laura compreendendo que Fernando a ludibriou, ao afiançar-lhe que era solteiro, rezolve vingar-se.

D. Violante volta a caza de Evaristo e é recebida por Laura, a quem conta a sua situação de mãe em busca de um pae para o filho, ao abrigo das chamadas *leis da familia*.

Laura, vendo a possibilidade de compro-

meter ainda mais a situação de Fernando, toma Violante para governante da caza de Evaristo. N'essa altura o sr. Freitas, reconhecendo que a Laura nunca foi mulher de Fernando, nem tão pouco de Evaristo e provocado pela *cocotte*, declara-lhe o seu amor, combinando ambos fugir em ocasião oportuna, projéto que não chega a realizar-se por a Laura fugir com um ex-amante.

O sr. Freitas e D. Rita (D. Emilia Sarmento), mulher de Fernando, participam a Evaristo a fuga de Laura e este, que tem sido forçado a passar por verdadeiro marido da *cocotte*, dá largas ao seu finjido desespero, que atinge o auge quando o sr. Freitas, com toda a imbecilidade, comete a inconfidencia de confessar que a Laura tambem era sua amante.

Fernando, ao ter conhecimento do que se passa, rezolve abandonar com sua familia a caza do amigo e logo após a saída dos opedes, Evaristo dispõe-se a despedir a Violante, quando o sr. Freitas, enternecido ante as lagrimas da pobre mulher, rezolve tomá-la sob a sua proteção.

TEATRO DA RUA DOS CONDES

Fandango e Maxixe

REVISTA EM 3 A'TOS E 12 QUADROS

Orijinal de Penha Coutinho e Celestino Silva



Muzica de Tomás Del-Negro e Alfredo Mantua



Cena final do 1.º ato

OS NOSSOS CONCURSOS

CONCURSO I



Debaixo de cada um dos cinco retratinhos pequenos estão os retratos d'uma atriz, d'um empresario, d'un ator, d'un maestro e d'un escritor. Quem são'?

O prazo para as respostas termina no dia 15 do corrente.

Premio: um lindo finteiro de metal áquele dos nossos leitores que nos enviar completamente preenchido o boletim que, referente a este concurso, damos em separata.

CORISTAS



O decano dos coristas

Joaquim de Seixas Coimbra, é o mais velho dos coristas portugueses. Chamam-lhe «o pae Coimbra» e com razão porque ele poderia ser o pae de quazi todos os seus atuaes colegas.

¶ Pae Coimbra no teatro, avó Coimbra em familia, não tardará muito que lhe passem a chamar o *Pae-avô*.

Anedótas teatraes

D'uma vês — foi em Vizeu — uma companhia de que fazia parte Pato Monis representou o *Santo Antonio*.

Era então empresario Luis Galhardo e foi esta, senão a primeira, pelo menos uma das suas primeiras emprezas.

O Pato Monis tinha arranjado uma fórmula enjehozza para o santo subir ao ceu, na apoteóze final, sem o publico vêr como aquilo era feito.

A coiza agradou tanto, tanto... que o publico pediu *bis* e com tanta insistencia que teve que se lhe fazer a vontade.

Mandou-se de novo arriar o santo por meio d'un toque de campainha que o ómem do pano julgou sinal para o fazer subir.

Verificado o engano mandou-se fazêl-o deseer, mas já a esse tempo o santo fazia a sua segunda ascensão.

Quis-se compôr a coiza, mas o engano repetiu-se e assim, durante três ou quatro vezes, o pano só subia na ocasião em que o santo descia e vice-versa, o que deveria ter dado ao publico a impressão de que o S. Pedro não quizera no ceu, o milagro santo e o mandava de presente para o inferno...





Nascimento Fernandes
Diretor de cena

TEATRO APOLO

O CHICO DAS PÊGAS

OPERETA PORTUGUEZA EM 3 ATOS

ORIJINAL DE EDUARDO SCHWALBACH

MUZICA DE FILIPE DUARTE

DISTRIBUIÇÃO

Salmonete.....	N. Fernandes	Faustina.....	D. A. Pereira
Tomé.....	Alegrim	Clara.....	D. R. Andrade
Anjelino.....	Antonio Costa	Joana.....	D. A. Aguiar
Miguel.....	Massano	Jeronima.....	D. J. ^a Braga
Chico das Pêgas..	C. Machado	Leocadia.....	D. Alzira
Vida Alegre.....	Gil	Roza, gaiata....	D. Ester
Erva doce.....	Almada	Chica.....	D. Filomena
Manoel das Chocas	Azevedo	Izabel.....	D. E. Pinheiro
Pingadinho.....	Schore	Aurora.....	D. Antonia
Tio Bento.....	Braga	Branca.....	D. Alice
Palmito.....	Campos	Inês.....	D. Laura
Raimundo.....	Guedes	Um freguês.....	E. Oliveira
Bombinhas.....	Macedo		
Esperança.....	D. Aug. ^{ta} Freire		
Anjelica.....	D. Ilda Ferreira		

Nota. — O papel de *Jeronima* é oje desempenhado pela atriz Maria Frazão, em consequencia da morte da atris que o criou.



Sr. Machado, no *Chico das Pêgas*

Miguel (*sr. Massano*), vive em companhia de Esperança (*D. Augusta Freire*), que teve outr'ora o nome nos registos policiaes, e agora se encontra rejenerada pela grande paixão que consagra a Miguel.

Um antigo amante de Esperança, o *Chico das Pêgas* (*sr. Machado*), com intrigas amorozas instiga-a a que abandone o Miguel e volte para a sua companhia. o que ela recuzza indignada, despertando no coração do Chico o dezejo de vingança.

Anjelica (*D. Ilda Pereira*) vem vizitar a tia e o *Chico das Pêgas* atira-a á cara de Miguel como modelo de uma santa que ele tem encomendada. Miguel e Anjelica apai-

xonam-se e Esperança, vendo-se abandonada, resolve voltar á má vida e para o Chico.

Umam amigas, condoídas da sua situação impõem a retirada de Anjelica; esta sacrificando o seu amôr pela amizade que dedica a Esperança, cede; o Chico é espulso e Miguel caza com Esperança.

AOS QUE NOS LEEM

Vem cheio de deficiencias este numero.

E' natural que assim seja, dadas as inumeras dificuldades que se apresentaram para a sua confecção, dificuldades que todos os que conhecem o nosso meio artistico não ignoram.

Elas serão removidas e os que nos leem só teem a desculpar-nos, certos de que *O Palco* irá melhorando gradualmente.



D. Amelia Pereira, na *Faustina*

ASSOCIAÇÃO DE CLASSE
DOS
ARTISTAS DRAMATICOS



O encetarmos a publicação d'um jornal de teatro justo nos pareceu que um dos nossos primeiros artigos fosse dedicado á Associação de Classe dos Artistas Dramaticos Portuguezes, a qual tem no seu programa a reforma e o levantamento d'esse mesmo teatro.

De Gil Vicente para cá o teatro portuguez tem evoluído, acompanhando o progresso de todas as outras artes e se, em épocas mais ou menos remotas, ele tem subido ao apogeu, o certo é que oje a sua época não é precisamente das mais brilhantes.

Quaes as cauzas que teem contribuído para a sua dejenerecencia seria coiza difficil de averiguar n'um despretençioso artigo e não é d'isso precisamente que queremos aqui tratar.

Mais ou menos elas são conhecidas e o que é preciso. o que urje, é removê-las por completo, combatendo-as violentamente até se poder finalmente soltar o alegre grito da vitória.

Para isso existe ou para isso deve existir a Associação de Classe dos Artistas Dramaticos Portuguezes.

Na luta em que á pouco ela se empenhou, luta violenta, titanica, das reivindicações dos direitos do átor, ela mostrou que está pronta para esse combate, visto que essa luta não foi mais do que o primeiro passo dado no caminho do levantamento da arte teatral. Começando por levantar moralmente o nivel da sua classe ela chegará assim ao levantamento da sua arte.

Mas para isso o que é preciso?

Para isso necessita-se, e eis ao que queriamos chegar, que todos — **todos** — se reunam, se juntem, se liguem n'um mesmo sentimento de amor pelo teatro. E' para isso que existe a Associação.

Está-se atravessando atualmente um periodo em que o patriotismo é posto á prova.

De norte a sul corre um vento benéfico de resurjimento; em todos os corações está arreigada a ideia de que chegou o momento de fazer tambem d'este Portugal um país igual a todos os outros.

Pois bem: concorramos nós com a nossa parte.

Deixemos aos politicos a sua politica, aos industriaes o engrandecimento das suas industrias, aos agricultores o aproveitamento das enormes terras até oje incultas, aos arquitétos e aos engenheiros o aformozeamento das cidades e vamos nós tratar do levantamento da arte teatral, o que é uma fórma como outra qualquer de concorrer para o engrandecimento da patria.

Ser patriota não é só concorrer para a mudança d'uma instituição que se julga prejudicial ao engrandecimento da patria ou achar que os outros fizeram muito bem em mudá-la. Não.

Para ser patriota, agora, é necessario ajudar a instituição que veiu substituir a deposta, no trabalho d'esse mesmo engrandecimento.

Sejamos, pois, patriotas.

Juntemo-nos na Associação, não com a ideia unica de contribuir com os nossos duzentos réis mensaes para a sua manutenção, mas com o fito de sermos uteis á arte que ela representa.

Vamos para a Associação com as nossas ideias ou até mesmo só com a nossa prezença, porque, ao verem-nos tão juntos, tão unidos, *tão associados*, vêr-se-á que queremos fazer qualquer coiza de util, de grande e auciliar-nos-ão.

E se — para fortalecer este apelo, ainda fôr preciso falar ao vosso egoismo, o que não creio — dir-vos-ei: associai-vos, porque associando-vos trabalhais para o levantamento da vossa arte e por consequencia trabalhais para vós proprios.

Ainda, á bem pouco, um cazo bem frizante se deu n'um dos nossos teatros.

Se todos os artistas d'esse teatro fossem associados, se todos na Associação referendassem as suas escrituras, se todos, respeitando-a, se respeitassem, não se veriam decerto nos duros tranzes por que passaram e de que só um acazo fortuito os livrou.

Não é pois demais o gritar-lhes sempre, o dizer-lhes constantemente: associem-se!

Mas associando-se, leiam e compreendam bem os estatutos para que fiquem sabendo que se ela lhes dá direitos, lhes ezije tambem, como não pode deixar de ser, deveres, que só podem custar a cumprir aos que fazem da arte uma mercadoria e tomam as coizas sérias da vida como méras brincadeiras.

TEATRO DA REPUBLICA

Auto da Barca do Inferno

DE GIL VICENTE

Adaptado por

Afonso Lopes Vieira

Representado em 18 de Dezembro



Augusto Pina (O cenografo)



AUGUSTO ROZA (NO DIABO)

R

representase na obra seguinte hũa prefiguração, sobre a regurosa acit
açam que os inimigos fazem a todas as almas humanas, no ponto
que per morte de seus terreltes corpos se partem. E por tratar desta
materia, pôeo autor por figura que no dito momento ellas chegão
a hum profundo braço de mar, onde estam deus bateis: hũ delles passã pera a glo-
ria, o outro pera o purgatorio. He repartida em tres partes. f. de cada embarcaçam
hũa cena. Esta primeyra he da viagé do inferno, trata se pollas figuras seguintes.
Primeyramente a barca do inferno, a raiz & barqueyro della diabos. Barca do pa-
rayso, a raiz & barqueyros della anjos.

¶ Passágyros.

¶ Fidalgo, Honzeneyro, Ioanne, Çapateyro, Frade, Florença, Alconuitleyra, Ju-
dea, Corregedor, Procurador, Enforcado, quatro caualeyros.

¶ Esta prefiguração se escreue neste primeyro liuro, nas obras de deuiação: porque
a segunda & terceyra parte forão representadas na capella; mas esta primeyra soy
representada de camara, pera consolação da muyto catholica & sancta Raynha
dona Maria, estando enferma do mal de que faleceo, na era do Senhor, de 1517.

❁ Cópia fotografica da 1.ª edição do auto ❁

DISTRIBUIÇÃO

O prólogo, Chabi; O diabo, Augusto Roza; O fidalgo, A. Azevedo; O Onzeneiro,
P. Costa; O sapateiro, Sarmento; O parvo, Alves; O frade, C. d'Oliveira; O juiz,
Chabi; Brizida Vás, (alcoveta), D. Adelina Abranches; O enforcado, Tomás
Vieira; 1.º Cavaleiro de Cristo, R. Marques; 2.º dito, Lopo Pimentel; O com-
panheiro do diabo, Pina; O anjo, D. Aura Abranches.



TEATRO NACIONAL ALMEIDA GARRETT

20:000 DOLLARS

Peça norte-americana, em 3 atos e 4 quadros, de Paul Armstrong, tradução de Felix Bermudes



DISTRIBUIÇÃO

Jimmy Samsson. C. Santos.
 Dik Inacio.
 Evans Luis Pinto.
 Fay A. Pinheiro.
 Handler A. Melo.
 Avery J. Costa.

↑ Bob Morgan... J. Calazans.
 ↑ Blickondorf... M. Carvalho.
 ↑ Read... J. Enriquez.
 ↑ Ch. dos guardas E. Motili.
 ↑ Escriturario ... A. Sampaio.
 ↑ Miss Rose Fay. D. P. Torres.

↓ Miss Moore D. L. do Carmo.
 ↓ Kitty Menina Julia
 ↓ Ferreira.
 ↓ Bobby Menina Guilher-
 ↓ mina de Castro
 ↓ A aia D. C. Sande.

OS NOSSOS CONCURSOS ✦ Um monologo em verso para ómem

CONCURSO N.º 2

Fica aberto até ao dia 30 do corrente o concurso para um monologo em verso, para ómem.

O monologo deve ser orijinal e nunca publicado se bem que já possa ter sido representado.

Os concorrentes devem preencher os boletins, colando o do pseudonimo ao seu orijinal e fechando dentro d'um sobrescrito o que tem o nome e o pseudonimo.

Este sobrescrito deve acompanhar o orijinal do monologo na ocasião da sua entrega, e trazer tambem por fóra o pseudonimo para que, quando o juri der a sua decisão sobre quaes são os melhores d'eles, se saber a quem pertencem os premios.

Esses premios são :

Ao autor do monologo classificado em primeiro lugar, 2\$000 réis em dinheiro, o seu retrato n'O Palco, a publicação do orijinal e a sua representação por um dos nossos átores, n'um dos nossos teatros.

Ao do classificado em segundo lugar, 1\$000 réis em dinheiro, o seu retrato e a publicação do orijinal n'O Palco. Aos restantes, considerados bons, a publicação dos seus retratos acompanhando a dos seus monologos.

Os orijinaes publicados ficam sendo propriedade d'O Palco, rezervando-se esta o direito de os publicar em *parata*, mediante a entrega d'um certo número d'ezemplares aos seus autores.

TEATRO DO GINAZIO

O Mano Augusto

COMEDIA ALEMÃ EM 3 A'TOS

Traduzida por XAVIER MARQUES

Representada em 15 de Dezembro de 1911



O Maestro Blanch



DISTRIBUIÇÃO

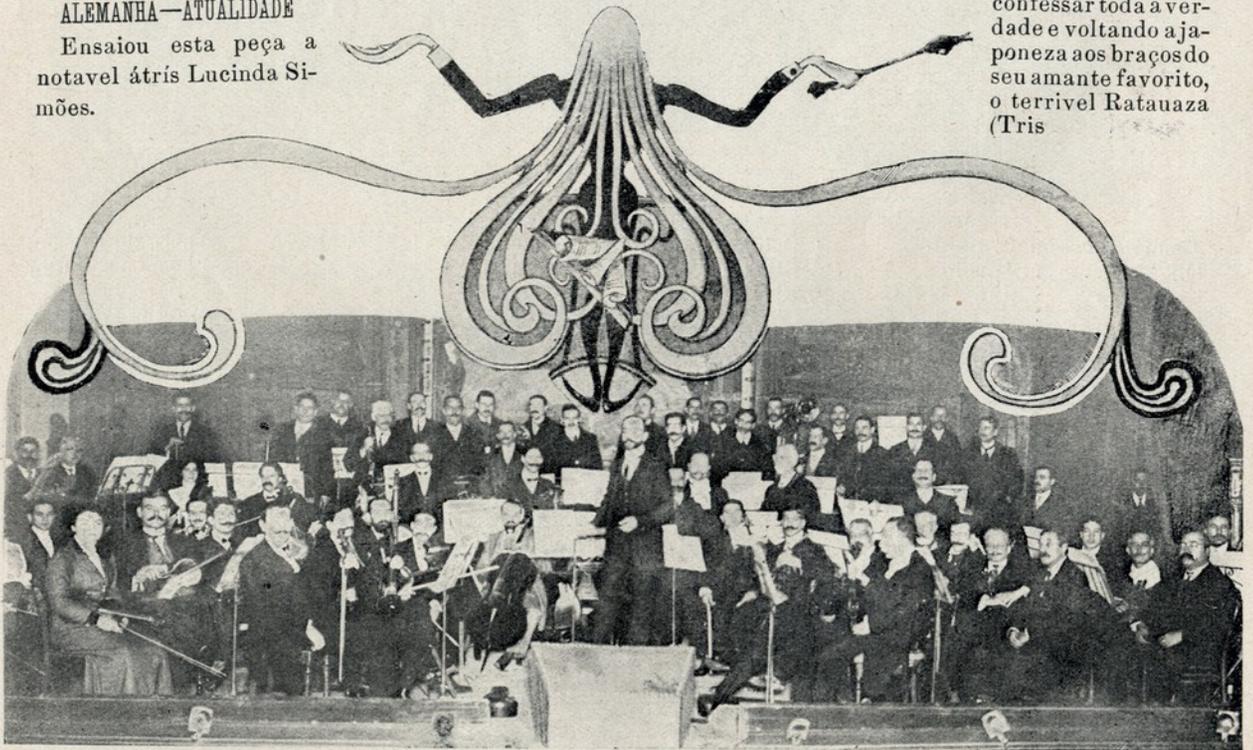
Bernardo Stein.. A. Machado.
 Fernando Pieper. Julio Alves.
 Alex. Helbling... Z. Albuquerque.
 Barão de Reuter. E. Albuquerque.
 Hartman..... M. Pereira.
 Ratauaza..... C. Tristão.
 João Walder... Azambuja.
 Pedre Rutner... Vieira Marques.
 Alfredo Nartary. Jozé Soares.
 Mitra Jaki..... D. Judit Melo.
 Adelaide Stein.. D. A. d'Oliveira.
 Sylvia Parisini.. D. Laura Hirsch.
 Laura..... D. Erminia.
 Roza..... D. D. Teixeira.

ALEMANHA—ATUALIDADE

Ensaiou esta peça a notavel átrís Lucinda Simões.

Bernardo Stein (Augusto Machado) tem que partir para a fronteira russa em serviço. Fêz-se substituir por um amigo, para vijiar sua esposa a quem o barão de Reuter fás a côrte.

Bernardo Stein tem um irmão jémeo á muitos anos auzente, o Mano Augusto, de quem recebeu um telegrama, avizando-o da sua chegada. Apareceu a esposa do Mano Augusto, uma interessante japoneza (D. Judit de Melo) e Bernardo Stein é obrigado a passar pelo Mano Augusto. As situações comicas succedem-se acabando o Bernardo por confessar toda a verdade e voltando a japoneza aos braços do seu amante favorito, o terrivel Ratauaza (Tris)



TEATRO DA REPUBLICA — A orquestra portugêsa dirigida pelo maestro Pedro Blanch



As môscas



MONOLOGO EM VERSO

Eu não conheço animal
que mais me dane e m'irrite,
que aos nervos faça mais mal
que mais o sangue me ajite,

do que a môsca, essa atrevida,
que fás sangue de bujio
a quem em tudo, na vida,
tenha tido sangue frio.

'Stá a jente vai não vai
quazi a pegar no sono!
a môsca sobre nós cai...
Vai a soneca com dono.

A trabalhar, a comer
'stamos muito descansados
vem ela conosco ter
p'ra nos pôr arrelhiados.

E se o coitado é careca
e a môsca com ele embirra?!
Isso então, ó com a breca!
é cazo p'ra dizer: Irra!

E o mais é que se se quer
o brutinho castigar
quando n'el' se vae bater
em nós é que vamos dar!

Cazos graves se têm dado
com tal bicho arreliento
e um ainda á um bocado
chega ao meu conhecimento.

Um maestro conhecido
qu'era calvo como as mãos
reija, muito entretido,
a sua composição,

co'a batuta em movimento
e a cabeça levantada,
a todos, el' muito atento,
ia dando a sua entrada,

quando a môsca brejeira
sobre a careca lhe pouza
de cá p'ra lá, muito lampeira,
a passear sobre ela ouza...

N'um jesto p'r'á sacudir
o compasso logo troca
e a orquestra p'r'ó seguir
n'esse tal compasso toca.

As coristas estranhando
da muzica o andamento
o que sabem vão cantando
na batuta sem ter tento.

E a mosquinha perseguindo
o pobre maestro inf'lis
da calva lhe foi saído...
mas p'r'á ponta do naris.

Quer tirál-a o desgraçado
e outro jeito logo fês
que p'los baixos é tomado
p'ra cantar por sua vês!!

O que se passou então
não é facil de contar
pois que a dezafinação
foi d'ouvidos arrombar!

Cada qual para seu lado
em difrentes andamentos,
o maestro arreliado,
os coristas rabujentos

e o publico a pateiar
uma coiza assim tão tôsca...
a impressão ia dando
que estava tudo co'a môsca.

Á môsca! Maldito animal
que me dana e que m'irrita,
que aos nervos me fás tão mal
e o sangue tanto m'ajita!!

E o peor de tudo isto
é que á môscas e mosquitos
por esse mundo de Cristo.
que nos deixam bem aflitos.

*

O *amigo* que a nós se chega
a pedir-nos uma *rôsca*...
e se dana p'rante a nega...
— é môsca.

Quando se vae apressado
e um conhecido se enrosca
a falar como um danado...
— é môsca.

Dama que em tempos foi bôa
mas que agora é mais que tôsca
e não larga uma pessoa...
— é môsca.

E' môsca o patrão birrento
que chupar o sangue logra;
é moscardo — e peçonhento...
— a sogra!

São môscas sempre a zunir
as amantes com ciúmes...
— Emfim, p'ra nos aflijir
as môscas são aos cardumes

E eu que aqui 'stou já chumbado
á perto de meia óra
p'ra môsca não ser chamado.
vou já pela porta fóra.

(Dá um passo para sair mas volta)

E voc'lencias se não dão
umas palminhas brejeiras
por mim alcunhados s'rão
de môscas... e varejeiras.

Teatro da Trindade

A PRINCEZA DOS DOLLARS



D. Palmira Bastos no papel de Miss Alice

Vestido da caza Pilar Mata

Opereta alemã em 3 atos,
de A. M. Wilner e Fritz
Gumbaum, tradução de
Ernesto Rodrigues e
Felix Bermudes, muzi-
ca de Leo Fall



Afonso Taveira
que ensaiou
A Princesa dos Dollars

DISTRIBUIÇÃO

Alice Couder.....	D. Palmira Bastos.
Daisy	D. Flora Dyson.
Olga Labriska	D. Rafaela Fons.
Miss Thompson.....	D. Amelia Barros.
Couder	Correia.
Alfredo Werburg . .	Ferrari.
Barão Hans.....	Leitão.
Dick	Gabriel Prata.
Tom	Alvaro Almeida.
Charlovwitz	Mario Pedro.
Sovaroff.....	C. Candeira.
James, criado.....	Franco.
1.º criado.....	Candeira.
2.º criado.....	Rapoço.
3.º criado.....	Franco.

O americano Couder (Sr. Correia), pae de Alice (D. Palmira Bastos) e tio de Daisy (D. Flora), tem a fantasia de ter ao seu serviço, quer em caza como criados, quer nos escritorios como empregados, aristocratas europeus arruinados. Entre eles encontra-se já o barão Hans Henri Schlik, (Sr. Leitão), seu escudeiro, que está apaixonado por Daisy.

A apresentar-se ao seu serviço vem tambem da Europa Alfredo Werburg (Sr. Ferrari), que trás



Coudier—Corrêa

Olga—D. R. Fons

porém, com o seu orgulho, e este não lhe consente o vender-se. Recusa indignado a proposta que lhe fazem e retira-se, depois de lhe ter lançado em rosto todos os defeitos.

No 3.º ato, Werburg que, apesar de tudo, está apaixonado por Alice, espera Couder, a quem enviou um telegrama sobre especulações atribuídas a uma firma por ele representada. Este chega com a filha e com Olga, já sua mulher, mas a quem ele não pode aturar. Depara-se-lhe Hans a quem recrimina pela sua fuga com Daisy mas a quem perdôa tudo mediante a condição de ele o livrar da mulher. Este assim fás, ao mesmo tempo que se liga definitivamente a Daisy de quem

consegue vencer a suposta rezistencia ás caricias conjugaes, *rezistencia...* que a leva a tomar o lugar das criadas de quarto que Hans finje querer arranjar, chegando até, n'esse intuito, a escrever uma carta amorosa á criada de Fredy, a velha miss Thompson (D. Amelia Barros), que passa o seu tempo a beberricar copinhos.

Werburg e Alice, por sua vês, encontram-se, esplicam-se... e cazam-se.

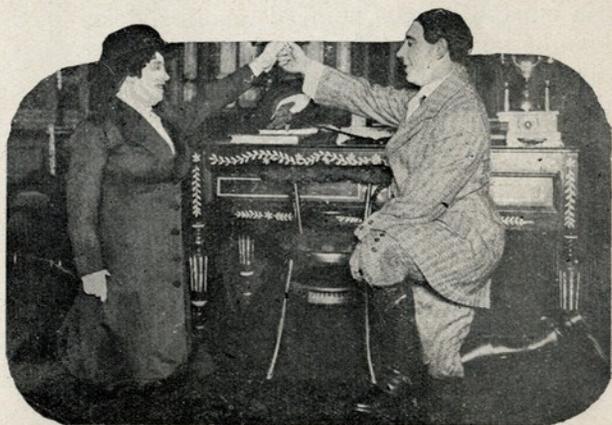
como principal objetivo o casar-se com Alice. Tão arreigada tem Couder a mania, que enviou á Europa os seus dois sobrinhos, Dick (Sr. Gabriel) e Tom (Sr. Alvaro d'Almeida), para lhe trazerem uma governante, missão de que eles se desempenham, trazendo-lhe uma antiga cançonetista, Olga Labriska (D. Rafaela Fons) a quem eles arranjam o titulo de condessa de Perzibicrewska, na esperança de que ela lhe servirá d'auciliar nas suas manobras tendentes a apanhar dinheiro ao tio. Este, porém, mal a vê, apaixonou-se por ela e o mesmo acontece a Alice com Werburg.

E' este o 1.º ato.

No 2.º, Hans e Daisy, não obtendo a necessaria licença para se cazarem, decidem-se a fazê-lo a occultas e fojem. Couder oferece a sua mão a Olga que a aceita e Alice, tratando Werburg como um objeto de luxo que se compra, quer tambem cazar com ele. Não conta,



O estreiante Amadeu Ferrari, no 2.º ato da *Princeza*



Daisy—D. Flora Dyson

Hans—Leitão



Cena I

O Coronel e Pia

(PIA está bordando, sentada, ou cuidando das flôres.
O CORONEL, sentado, lê um livro: Conferencia de Bovio sobre Thomás Campanela)

O CORONEL (com o livro aberto, na mão)

A' n'este livro epopeias!
Inda não vi nada igual!
Quanto vigor nas ideias!
E que estilo majistral!

(Lê) «Pomponazzi, Cezalpino, Telezio, Giordano Bruno, Campanela, Vico... quanta gloria em tão poucos nomes! quantas ideias e quantos martirios! Quem não sente em si a vida d'aqueles ómens não pertence á Italia renascida, não tem cabida, não tem lugar, no meio das novas jerações; estrangeiro na patria, espurio no seculo, é como o preistorico na humanidade moderna.»

(A Pia)

Que tal?

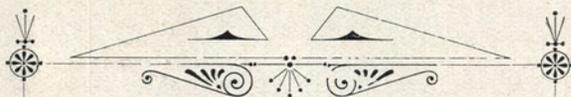
PIA

O trecho assinala
Grande juizo, erudição...
Mas só á mente nos fala...
Não nos fala ao coração!

O Cântico dos Cânticos

COMEDIA EM 1 ATO, EM VERSO, DE FELICE CAVALLOTTI

Tradução livre de Acacio Antunes



PERSONAJENS

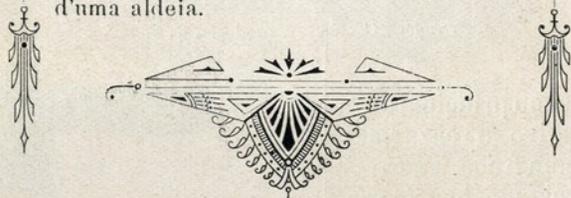
Coronel Soranzo, velho militar reformado

Pia, sua filha

Antonio, seu sobrinho, seminarista

ATUALIDADE

A ação, em Italia, no jardim d'uma vila senhorial, vendo-se ao fundo o panorama d'uma aldeia.



O CORONEL (fás um jesto de despeito e prosegue na leitura, indicando com um jesto a Pia, que preste atenção ao que segue. Lê:)

«A grandeza de Giordano Bruno está no criterio das proporções entre a cauza e o efeito, entre o infinito jenerativo e o infinito jeração, onde a infinita e eterna materia se torna a celeste Anfitrite, que é o eterno vestijio do infinito valor...»

(A Pia)

Dize, não é eloquente?

PIA

Sim, papá, o trecho agrada...
Porém, só nos fala á mente!...
Ao coração não dis nada!

O CORONEL (encolhendo os ombros e continuando a leitura, cada vês com mais animação e interesse)

«E assim, ao ceu dos Santos, succede o ceu de Galileu; á terra de Moisés, a terra de Paulo Gorini, que descubriu a lei do vulcanismo, como Kepler a lei dos cometas. O eu e o não eu são fenomenos da eterna evolução. Os fins do mundo estão no proprio mundo... d'ai deriva, bazeada no criterio das proporções, uma flozofia nova: taes são as proporções primordiaes entre os direitos e os deveres...»

(A Pia, com entusiasmo:)

Dize agora: inda o condenas?

PIA

Sim... no conceito é felis...
Mas á mente fala apenas!...
Ao coração nada dis!

O CORONEL (*impaciente, levantando-se e deixando de lêr*)

Lê, n'esse cazo, o evangelho!
Mimo, encanto, sentimento,
Só se pode achar no velho
E no novo testamento!

(*Recitando em alta vós, em cantilena monotonu*)

«Abraão jerou Isác, Isác jerou Jacó,
Jacó jerou Judas e seus irmãos... Obed
jerou Jessé e Jessé jerou o rei David, e o
rei David jerou Salomão, d'aquela que foi
de Urias...»— Pobre Urias, coitado!...

PIA, *interrompendo-o suplicante*

Papá! por quem és!...

O CORONEL

Sim, néga

N'este trecho inspiração!
A'! como esta cega-rega
Vae direita ao coração!

(*Prosegue recitando alto, como acima*)

«No principio era o Verbo, e o Verbo
era com Deus, e Deus era o Verbo, e era
no principio o Verbo com Deus, e todas as
coizas foram feitas pelo Verbo, e nada do que
foi feito, foi feito sem o Verbo...»

PIA (*meio amuada*)

Se continúas, declaro
Que me zango!...

O CORONEL

Certamente

Que não á nada mais claro
Ao coração nem á mente!

PIA

Pois bem; quando surge a aurora
E a lús nos campos fulgúra,
Ergue-se uma vós sonóra
Inda mais clara e mais pura!
Quando os rebanhos, unidos,
Abalando do redil,
Saúdam com seus balidos
O bom sol primavera!
Quando trila a cotovia
E os lijeiros passarinhos
Vôam, cheios de alegria
Chilreando em torno aos ninhos;
Quando o ambiente aromatiza
O olôr das varjens viçozas,
E ao sopro leve da briza
As rozas beijam as rozas;
Ouço então, languida, breve,
Uma linguaagem fremir,
Que o meu coração percebe...
Mas que eu não sei repetir!
Jámais cuidado me deu,
Ouvindo esse murmur brando,
Se são o eu e o não eu
Que entre si 'stão conversando!
Ignoro se é um canto, um ino
Que vem da amplidão sideria
Ou se é, seu triste destino
Chorando, a eterna materia!
Se é a vós santa, distante,
D'um anjo, no azul profundo,
Ou se a de um átomo errante
Da planjente alma do mundo!
Ignoro se é o infinito
Que ante o *finito* estremece;
Se é de dezespêro um grito
Ou se é fervorosa prece...
Só sei que em torno a mim canta
Uma estranha melodia
Que aos ceus minh'alma alevanta,
Que me invade e me estazia!
Sei que é uma doce linguaagem,
Que ao coração fás-se impôr,
Como divina mensajem,
Como um cantico de amor!

O CORONEL

(*que a tem ouvido com admiração, apenas ela conclue, dá-lhe um beijo*)

Que talento! Até fás que a razão emudeça!
Quanto fosforo eziste aqui, n'esta cabeça!

(*Admira-a com complascencia comica e satisfação paternal*)

(*Continúa*).



TEATRO DAS VARIEDADES

O PAE PAULINO

Revista em 2 atos e 12 quadros, de Ernesto Rodrigues,
Felix Bermudes e Coelho Pereira



A MODA

Chapeus

da Casa A ELEGANTE

feitas
expressamente

Creações

Rua da Palma, 41

para

Ô PALCÔ

Boletim do Concurso n.º 1

que nos deve ser enviado até 15 do corrente á redação d'O PALCO—Rua da Vinha, 52, 1.º

Quem é a actriz?

Quem é o empresario?

Quem é o ator?

Quem é o maestro?

Quem é o escritor?

Nome do concorrente

Morada

As respostas que não vierem em boletim não serão contadas.

Boletim do Concurso n.º 2

que nos deve ser enviado em sobrescrito fechado, acompanhando o original

Título do monologo

Nome do autor

Pseudonimo

Morada

Boletim do Concurso n.º 2

que deve ser colado ao original

Título do monologo

Pseudonimo do autor

Os originaes vindos sem estes Boletins ficam fóra do concurso.

MALMEQUERES Contos por Tama-
gnini Barbosa.
Um volume, 300 réis

Depositaria — Casa E. da Cunha e Sá
LISBOA E PORTO

JOSÉ ANTONIO DO PATROCINIO

Vinhos, Vinagres e Aguardentes

PARA

CONSUMO E EXPORTAÇÃO

Marca P. & F.

Qualidades garantidas — Preços resumidos

*Premiado
em todas as exposições a que tem
concorrido*

RECOMPENSAS OBTIDAS

Vinhos Tintos - 3 Grands prix.

Vinhos Brancos - 1 Menção honrosa, 2 diplomas de honra, 1 Grande diploma de honra, 1 diploma de honra com felicitações do jury, 1 medalha de vermeil, 2 medalhas de prata, 3 medalhas de ouro, 8 grands-prix, 1 primeiro premio de medalha de ouro com palma.

ARMAZENS E ESCRITORIO

Rua José do Patrocínio

Marvilla-Lisboa

Endereço telegraphico: Niciotropa-Lisboa

Telephone: 29—Poço do Bisoo

AGENDA PORTATIL PARA

1912

(3.º anno de publicação)

edições da Casa E. da Cunha e Sá, Lisboa e Porto
♦ ♦ ♦ ♦ UM VOLUME CARTONADO, 120 RÉIS ♦ ♦ ♦

Importação e Exportação — Expedições

JOSÉ ROBERTO DA SILVA

Agente de Comissões e de Navegação

Agente de: Carl Seegers, Hamburg—Ch.^s Aug. Vogt, Paris
—E. da Cunha e Sá, Lisboa, Portugal—The Northern Assurance C.^o
Ltd., Londres—Lamport & Holt, Liverpool—Millers & Corys, Cape
Verde Islands Ltd., S. Vicente—Wilson, Sons & C.^o Ltd., S. Vicente
Coruña Salvage Association, Coruña, España.

Sub-agente de: Loyd's, Londres—Le Comité des Assu-
reurs Maritimes, Paris—The Royal Mail Steam Packet C.^o, Londres
—The Pacific Steam Navigation C.^o, Liverpool.

Adresse telegraphico: **Jack — Praia**

Codigos em uso: A. B. C. 4.^a e 5.^a edições Lieber's & Social

Praia — S. THIAGO — Cabo Verde

SONETOS

POR

— * EÇA LEAL * —

Edição da CASA E. DA CUNHA E SÁ

• Lisboa e Porto •

Um volume, 300 réis

Do Hypnotismo á Aviação

1.º VOLUME DA BIBLIOTHECA DE SCIENCIAS PSYCHOLOGICAS

Um vol. de 100 paginas, 150 réis

Edição da Casa E. da Cunha e Sá — Lisboa e Porto

Calendario reclamo de Portugal

PARA 1912

(1.º ANNO DE PUBLICAÇÃO)

(Contendo 366 vistas do continente, ilhas e colonias portuguezas)

PREÇO 500 RÉIS

R' venda nas principaes livrarias e papelarias de Lisboa e Porto e na

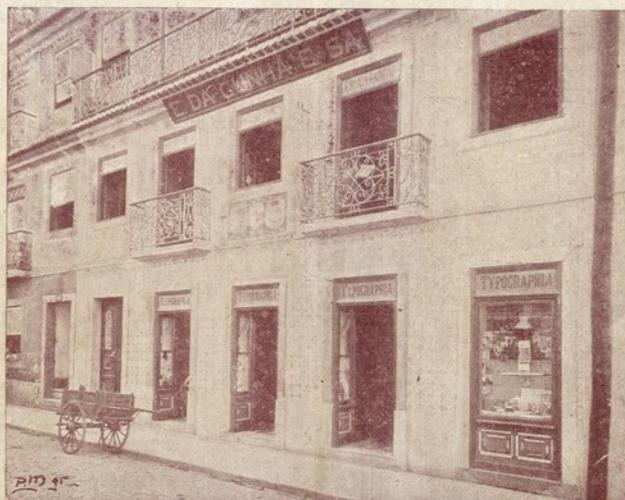
CASA E. DA CUNHA E SÁ, Editora

EM LISBOA (Rua de S. Marçal, 51 a 53-A
Rua da Escola Polytechnica, 16 e 18
NO PORTO — Rua do Correio, 76, 1.º

CASA E. DA CUNHA E SÁ

FUNDADA EM 1905
 IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

Officinas
 Typographicas
 a Vapor,
 Papelaria,
 Livraria,
 Gravura,
 Encadernação,
 Fabrica
 de
 Carimbes



Nevidades uteis,
 Gemmissões,
 Consignações,
 Representações:
 2
 Informações,
 Centro
 de assinaturas
 e de prepaqanda
 litteraria

Lisboa — Séde



Lisboa — Sucursal



Porto — Filial

ESCRITÓRIO
R. de S. Marçal, 51, 1.º
 TELEPHONE 442
 END. TELEGRAFICO: Pygmen

OFFICINAS
R. de S. Marçal, 51-A, 51-B, 53, 53-A

SUCURSAL E DEPOSITOS
R. da Escola Politechnica, 16 e 18
 TELEPHONE 3441
LISBOA

ARMAZEM FORA DO CONSUMO
 MARVILLA — *R. José do Patrocinio*
 TELEPHONE 29-Poço do Bispo

AGENCIA GERAL NO NORTE
Rua do Correio, 76, 1.º — PORTO

AGENCIAS
 NAS
 PRINCIPAES TERRAS DA PROVINCIA, ILHAS,
 AFRICAS, INDIA E BRAZIL